



Foto: Reuters

A CAVALARIA FRANCESA NA SITUAÇÃO DE NÃO GUERRA

Maj Luiz Fernando Coradini

INTRODUÇÃO

O Manual de Campanha “Operações” define a situação de não guerra como aquela em que o poder militar é empregado de forma limitada, no âmbito interno e externo, sem que envolva o combate propriamente dito, exceto em condições especiais. Na doutrina brasileira, essa situação ocorre, geralmente, em ambiente interagências, podendo a Força Terrestre não exercer o papel principal (BRASIL, 2017). É, basicamente, nessa situação que se enquadra o

emprego das Forças Armadas brasileiras nas Operações de Cooperação e Coordenação com Agências.

Essa ampliação das tarefas passíveis de serem executadas por forças militares não é uma exclusividade brasileira e podemos observar um crescimento desse fenômeno em inúmeras nações ao redor do globo. Neste artigo, faremos um rápido estudo sobre a adaptação de estruturas das tropas de Cavalaria do Exército Francês para seu emprego em situações de não guerra, buscando traçar paralelos com a realidade brasileira.

Tratamos, nesse estudo, das tropas de Cavalaria por serem essas as responsáveis por pensar a doutrina de combate embarcado no âmbito do Exército Francês. No entanto, as observações constantes no texto que se segue podem ser generalizadas para todas as tropas blindadas e mecanizadas, quer sejam de Cavalaria ou Infantaria.

Assim, o objetivo geral desse artigo é estudar a Cavalaria do Exército Francês e as adaptações previstas para seu emprego em situação de não guerra. Para isso, como objetivos intermediários, estudaremos as possibilidades de emprego das Forças Armadas francesas em situações de não guerra e a organização das unidades de Cavalaria do Exército Francês.

Por fim, buscaremos extrair lições compatíveis com a realidade brasileira, buscando ampliar a discussão doutrinária acerca do emprego da Cavalaria nos novos desafios da Força Terrestre. Dessa forma, pretendemos ampliar o debate sobre a flexibilização das estruturas das tropas de Cavalaria para atuação no amplo espectro.

AS FORÇAS ARMADAS FRANCESES NAS SITUAÇÕES DE NÃO GUERRA

A Política de Defesa francesa inclui o conjunto de medidas adotadas nos campos terrestre, marítimo, aéreo, espacial e cibernético para prevenir todo o ato hostil e assegurar o controle e a vigilância do território nacional. No ambiente terrestre, as forças de segurança interna e de defesa civil assumem a primazia para garantir a segurança e a proteção das populações. No entanto, quando os meios de que dispõe a autoridade civil são considerados inexistentes, insuficientes, inadequados ou indisponíveis, as Forças Armadas podem ser solicitadas para reforçar o dispositivo de segurança sob a responsabilidade do Ministério do Interior. (FRANÇA, 2018b). Tal conceito se aproxima da legislação brasileira no que se refere às condicionantes para o emprego das Forças Armadas na Garantia da Lei e da Ordem (BRASIL, 1999).

Assim, podemos verificar que o *Code de la Défense* prevê o emprego das Forças Armadas francesas, dentro do território nacional, em ações subsidiárias à missão fundamental de defesa da Pátria. Longe de ser uma possibilidade remota, é possível apontar recentes e importantes engajamentos, em particular do Exército Francês, em operações dessa natureza.

O exemplo mais atual é a *Opération Sentinelle*, iniciada logo após os atentados terroristas de janeiro de 2015 e ainda em curso, com emprego ostensivo de tropas do Exército Francês na segurança e vigilância contra o terrorismo dentro do território francês. Essa operação está enquadrada pelo *Plan Vigipirate*, criado ainda em 1978 para fazer frente à ameaça terrorista (FRANÇA, 2018c).

Além disso, a doutrina militar terrestre francesa prevê quatro modos táticos para a Força Terrestre: a ofensiva, a defensiva, a securitização e a assistência. Esses quatro modos podem ocorrer simultaneamente em intensidades distintas, nas situações de guerra e de não guerra. Na situação de guerra, prevalecem os modos ofensivos e defensivos, havendo um incremento da securitização e da assistência conforme a situação de não guerra se sobreponha (FRANÇA, 2011).

A securitização tem o objetivo de criar um ambiente estável e seguro em proveito das organizações e da população civil. Durante a fase de intervenção, refere-se, basicamente, às zonas sem combates e às populações. Na fase de estabilização, passa a ser o principal modo de atuação tática da Força (FRANÇA, 2011).

Por sua vez, a assistência consiste na ajuda às populações vítimas de conflitos ou de catástrofes naturais ou tecnológicas e na sua segurança, assim como da zona onde estão reagrupadas. Pode consistir, ainda, na participação na reconstrução do Estado e de sua infraestrutura, assim como na assistência às autoridades locais. Visa facilitar a ação de organizações de ajuda humanitária e dos serviços públicos e contribuir para o retorno às condições normais de vida. Pode estar incluída em um quadro de apoio à Defesa Civil ou de uma operação de projeção exterior. (FRANÇA, 2011)

Mais uma vez, percebemos a possibilidade de traçar o paralelo com a Doutrina Militar Terrestre brasileira, que institui a possibilidade de três tipos de operações básicas (Ofensivas, Defensivas e de Cooperação e Coordenação com Agências), que, dentro do amplo espectro dos conflitos, podem ocorrer de forma simultânea dentro de um teatro ou área de operações (BRASIL, 2017).

Dessa forma, observamos que o emprego das Forças Armadas francesas em situação de não guerra possui amparo na legislação daquele país e está consolidado em sua doutrina, podendo ocorrer tanto em

território nacional quanto em operações no exterior. Essa servidão exige uma alta capacidade de flexibilidade e adaptabilidade das forças militares, em particular das tropas blindadas, como veremos ao longo deste artigo. Ao mesmo tempo, os paralelos verificados com a legislação e a doutrina militar brasileiras antecipam a possibilidade de que haja elementos de interesse no estudo das estruturas francesas.

AS TROPAS DE CAVALARIA FRANCESAS

O Exército Francês possui, em sua organização, dois tipos distintos de unidades de Cavalaria: os regimentos sobre rodas (integrantes das brigadas multiemprego) e os regimentos sobre lagartas (integrantes das brigadas de decisão) (FRANÇA, 2014). Podemos fazer um paralelo superficial entre os regimentos sobre rodas franceses com os regimentos de Cavalaria mecanizados (RC Mec) brasileiros e entre os regimentos sobre lagartas franceses com nossos regimentos de carros de combate (RCC).

O regimento sobre rodas é composto por três esquadrões quaternários, além de um esquadrão de reconhecimento e intervenção e um esquadrão de comando e logística. Cada pelotão sobre rodas possui três viaturas blindadas dotadas de canhão e três viaturas blindadas leves (VBL). Apesar da previsão de dotação da viatura AMX-10RC, ainda é possível encontrar regimentos dotados com a viatura ERC90, ao mesmo tempo em que alguns regimentos passam a receber o novo EBRC (*Engin Blindé de Reconnaissance et Combat*) Jaguar. A VBL utilizada é a viatura Panhard. Esse regimento possui, ao total, trinta e seis viaturas AMX-10RC, ERC-90 ou Jaguar e oitenta e cinco viaturas Panhard (FRANÇA, 2014).

O regimento sobre lagartas francês também possui estrutura ternária no nível unidade e quaternária no nível subunidade. No entanto, o pelotão sobre lagartas diferencia-se por sua estrutura quaternária. Ele é dotado de quatro viaturas blindadas de combate AMX-56 Leclerc e quatro VBL Panhard. Assim, essa unidade totaliza cinquenta e um carros de combate e noventa e sete VBL (FRANÇA, 2014).

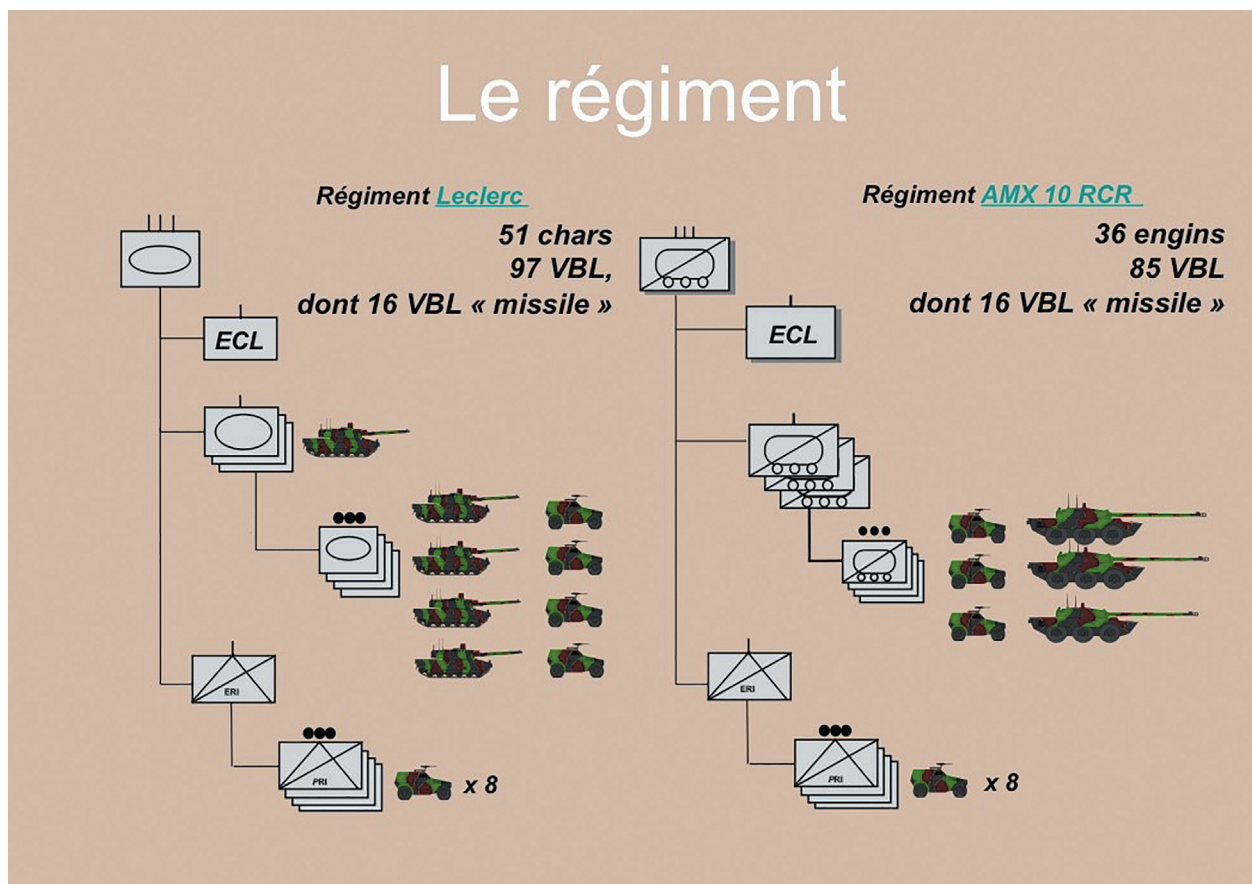


Figura 1: Organização dos regimentos de Cavalaria do Exército Francês
 Fonte: FRANÇA (2014)



Figura 2: ERC-90 Sagaie
Fonte: Ministério do Exército Francês



Figura 3: AMX-10RC
Fonte: Ministério do Exército Francês



Figura 4: EBRC Jaguar
Fonte: Ministério do Exército Francês



Figura 5: AMX-56 Leclerc
Fonte: Ministério do Exército Francês

Os dois tipos de regimentos possuem um esquadrão de reconhecimento e intervenção, composto por quatro pelotões a oito VBL cada. Esses pelotões são organizados com um grupo de comando (duas VBL) e três patrulhas com duas VBL cada. Sua dotação de armamento é flexível de acordo com a missão, podendo variar da metralhadora em torreta aos mísseis anticarro (FRANÇA, 2014).

Atualmente, o Exército Francês possui quatro regimentos sobre lagartas e sete regimentos sobre rodas. A organização desses regimentos segue uma padronização que inclui as unidades de Cavalaria orgânicas das brigadas aeroterrestre e de montanha.

Conceitualmente, os dois regimentos estão aptos para as mesmas possibilidades de emprego, condicionadas ao terreno, ao inimigo e a princípios de guerra, particularmente à economia de meios. Podem ser empregados de forma “pura” ou compondo forças-tarefa nível unidade (*groupement tactique interarmes*), subunidade (*sous-groupement tactique interarmes*) e pelotão (*détachement interarmes*) com tropas de Infantaria (FRANÇA, 2008).

Além dessas unidades de emprego, o Exército Francês conta com unidades originárias da Arma de Cavalaria que mantêm sua designação, mas desempenham missões diferenciadas, como o *2nd Régiment de Dragons* (unidade de Defesa Química, Biológica e Nuclear), o *8ème Régiment de Dragons* (Centro Esportivo de Equitação Militar), o *5ème Régiment de Dragons* (Centro de Treinamento de Combate), entre outros (FRANÇA, 2014). Dentro da estrutura de escolas de aplicação das Armas, a *École de Cavalerie* é o estabelecimento de ensino com a missão de formar os quadros das unidades blindadas em três níveis: comandantes de esquadrão, comandantes de pelotão e chefes de carro (FRANÇA, 2018).

Do estudo da composição das tropas de Cavalaria francesas, é possível concluir que suas estruturas possuem diferenças básicas de suas congêneres brasileiras, particularmente quando comparamos o pelotão de Cavalaria mecanizado brasileiro com o pelotão sobre rodas francês. No entanto, como ponto em comum entre as duas realidades, vemos que, da mesma forma que no

Brasil, o poder de combate dos pelotões franceses está centrado nas viaturas blindadas de reconhecimento e nas viaturas blindadas de combate. Dessa forma, percebemos que, em ambas as Cavalarias, encontramos tropas relativamente pesadas, evidentemente voltadas para as operações ofensivas e defensivas.

O EMPREGO DA CAVALARIA FRANCESA NAS SITUAÇÕES DE NÃO GUERRA

O comandante da *École de Cavalerie*, função desempenhada por um general de brigada, é o conselheiro do Chefe do Estado-Maior do Exército Francês acerca da subfunção “Combate Embarcado” em todos os domínios (emprego, doutrina, formação, recursos humanos, tradições, etc). Para assessorá-lo nessa missão, a Escola possui, em sua organização, a “*Direction des Études et de la Prospective*” (DEP) com a missão de assegurar a coerência, ao longo do tempo, da subfunção “Combate Embarcado” com base nos fatores Doutrina, Organização e Equipamento (FRANÇA, 2014).

Em relação ao emprego de forças militares em situações de não guerra, a DEP trabalha com a premissa de que há, naturalmente, a prioridade de emprego das forças terrestres. No entanto, reconhece que há o risco de subemprego ou de emprego incorreto das tropas de cavalaria em ambientes que não exigem forças com grande poder de fogo e com pesadas blindagens. Assim, seu esforço é no sentido de propor a utilização judiciosa das unidades de cavalaria, mas com a preocupação em atender ao princípio da economia de meios (FRANÇA, 2014).



Figura 6: VBL Panhard
Fonte: Ministério da França

Os principais cenários visualizados pela DEP para o emprego das tropas de cavalaria em situação de não guerra, em território nacional, incluem ataques terroristas de grande amplitude, pandemia massiva com potencial letal, catástrofe natural ou industrial de grande amplitude e grave comprometimento da ordem pública. Para esses cenários, são visualizadas as seguintes missões (FRANÇA, 2014):

- Reconhecimento e vigilância;
- Controle de zona;
- Escolta de comboio;
- Operação em zonas contaminadas; e
- Ações de dissuasão.

Como pode-se perceber, trata-se de uma gama de missões bastante heterogênea, que pode ser cumprida de forma diferente de acordo com a situação. Por exemplo, a dissuasão pode ser obtida com diferentes níveis de desdobramento de meios, de acordo com o ambiente operacional. Além disso, a necessidade de economia obriga que os meios sejam compatíveis com as necessidades.

Para atender a essas necessidades de emprego, a DEP definiu a diferenciação entre os meios orgânicos das unidades de cavalaria e os meios de emprego, que serão adequados à natureza da operação. Assim, o desdobramento dos regimentos deverá levar em consideração a necessidade de “plasticidade”, sendo capaz de gerar estruturas mais leves (FRANÇA, 2014).

Qualquer regimento de Cavalaria pode gerar, a qualquer momento, um esquadrão quaternário, baseado no esquadrão de reconhecimento e intervenção, uma estrutura leve dotada de proteção blindada e alta mobilidade. Esses elementos constituem as forças de pronto emprego em território nacional. As necessidades de aumento do poder de combate são atingidas a partir das estruturas orgânicas e do número de VBL disponíveis (FRANÇA, 2014).

Dessa forma, os pelotões de cavalaria, quer sejam sobre rodas ou sobre lagartas, são convertidos em pelotões de reconhecimento e intervenção, com estrutura semelhante aos pelotões de exploradores dos regimentos de carros de combate e dos batalhões de Infantaria blindados do Exército Brasileiro. As figuras 8 e 9 representam essa mudança na qual se nota a manutenção dos efetivos das frações.

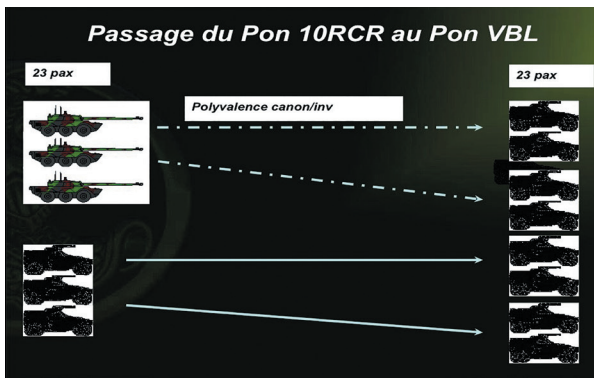


Figura 7: Passagem de um pelotão sobre rodas para um pelotão de VBL
Fonte: FRANÇA (2014)

Essa capacidade de rápida mudança de estrutura dos pelotões de cavalaria exige, evidentemente, um adestramento adequado dos efetivos e uma dupla dotação em material. O Exército Francês é beneficiado, em relação ao adestramento, pelo fato de ser uma força composta inteiramente por efetivos profissionais, permitindo ciclos de adestramento mais amplos.

Dentro da organização em pessoal e material das tropas de cavalaria do Exército Brasileiro, podemos observar que essa flexibilidade para alterar a estruturas de pelotões encontra um paralelo na constituição de estruturas provisórias no âmbito dos regimentos e esquadrões de Cavalaria mecanizados (BRASIL, 2002). Para os nossos regimentos de carros de combate, com sua atual dotação de material, a possibilidade de flexibilizar estruturas é mais restrita e dependeria de materiais além de seus quadros de dotação.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou apresentar ações adotadas pela Cavalaria do Exército Francês para se adaptar às novas exigências operacionais, dentro dos cenários que podem atingir a sociedade francesa.

Não se trata de apresentar modelos a serem implantados às forças blindadas e mecanizadas brasileiras. Trata-se de mostrar que os questionamentos relativos ao emprego de forças militares em ações estranhas ao combate convencional não são exclusividades de nosso país. Quando estudamos a legislação francesa relativa às suas Forças Armadas é inevitável traçar paralelos com a realidade do Brasil nas previsões legais de emprego dentro do território nacional.

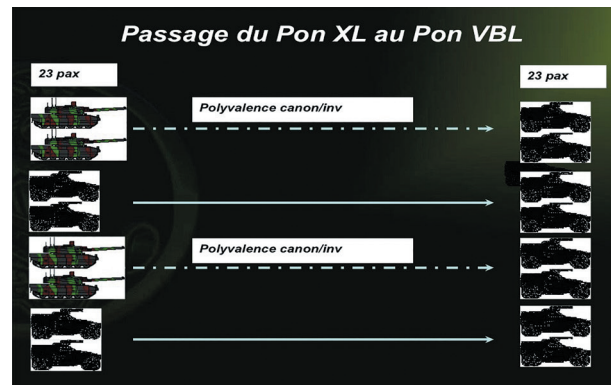


Figura 8: Passagem de um pelotão sobre lagartas para um pelotão de VBL
Fonte: FRANÇA (2014)

Se os cenários visualizados pelo Estado francês incluem ameaças terroristas, grave perturbação da ordem pública e catástrofes naturais ou industriais, o Exército Brasileiro está, cada vez mais, envolvido em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (Op GLO), operações na Faixa de Fronteira e em apoio à Defesa Civil. O ponto em comum entre as duas realidades está na necessidade de se adaptar estruturas para os diversos empregos subsidiários, sem comprometer o farol da missão de Defesa da Pátria e atendendo as demandas da sociedade.

As tropas de cavalaria do Exército Brasileiro têm a flexibilidade como uma de suas características mais marcantes e é bastante comum a busca de soluções adequadas para seu emprego, especialmente em Op GLO. Porém, essas adaptações variam conforme necessidades e padronizações estabelecidas no âmbito das unidades e grandes unidades. A discussão que se busca trazer ao final desse artigo é em relação à possibilidade de que as adaptações já realizadas sejam passíveis de padronizações que permitam aperfeiçoar o adestramento das tropas de cavalaria para essas possibilidades de emprego e direcionar a aquisição ou adaptação de materiais de emprego militar, em particular armamentos e viaturas.

A preocupação demonstrada pela *Diréction des Études et de la Prospective* quanto à possibilidade de subemprego das tropas de cavalaria em situações de não guerra ou, o que seria mais grave, de não utilização das mesmas, deve ser algo presente nos estudos acerca do futuro da cavalaria brasileira. No Brasil, o Centro de Instrução de Blindados é o elemento que reúne as condições de desempenhar papel semelhante ao desempenhado pela *École de Cavalerie* e sua *Diréction des Études et de la Prospective* na condução de estudos prospecti-

vos relacionados com o combate embarcado. Dessa forma, poderemos contar com cavalarianos cada vez mais preparados para os desafios do porvir.

Maj CORADINI: Major de Cavalaria da turma de 2001 da AMAN. Foi instrutor na AMAN e na EsAO. Realizou o Curso de Comandante de Subunidade na *École de Cavalerie* (França). Atualmente é aluno do Curso de Comando e Estado-Maior do Exército.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Manual de Campanha EB70-MC-10.223 Operações**. 5ª edição. Brasília, 2017.

_____. _____. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha C 2-20 Regimento de Cavalaria Mecanizado**. 2ª edição. Brasília, 2002.

_____. Presidência da República. **Lei Complementar nº 97, de 9 de julho de 1999**. Brasília: 1999.

FRANÇA, Armée de Terre. Centre de Doctrine d'Emploi de Forces. **Doctrine d'Emploi des Forces Terrestres en Stabilisation**. Édition 2006. Paris, 2006.

_____. _____. **FT-02 Tactique Générale**. Paris, 2008.

_____. _____. **FT-04 Les fondamentaux de la manoeuvre interarmes**. Paris, 2011.

_____. _____. École de Cavalerie. **ABC 36.101 Manuel d'Emploi du Peloton de Cavalerie Blindée**. Édition 2012. Saumur, 2012.

_____. École de Cavalerie. **La Direction des Études et de la Prospective** (apresentação em Power Point ao Cours de Futur Commandant d'Unité, em 12 de novembro de 2014). Saumur, 2014.

_____. **École de Cavalerie**. nov. 2016. Disponível em: <https://www.defense.gouv.fr/terre/l-armee-de-terre/le-niveau-divisionnaire/commandement-de-l-entrainement-et-des-ecoles-du-combat-interarmes/ecole-de-cavalerie>. Acesso em 15 Nov 2018a.

_____. **Code de la Défense**. Disponível em: https://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do;jsessionid=397C-710FF2E701F79F13E8BFCCDC1506.tplgfr38s_1?idSectionTA=LEGISCTA000006166887&cidTexte=LEGITEXT000006071307&dateTexte=20181115. Acesso em 15 Nov 2018b.

_____. **Ministère de la Défense**. Opération Sentinelle. Disponível em: <https://www.defense.gouv.fr/operations/france/operation-sentinelle>. Acesso em 15 Nov 2018c.